

OES P 3 14-01-87 ANC X

O perigo do mandato de cinco anos

Os antigos lembravam as muitas voltas do mundo quando queriam despertar nos descrentes a certeza de que, na maioria das vezes, o impossível acontece. Especialmente em política. As palavras de velado apoio do sr. Paulo Salim Maluf, voltando de mais uma viagem à Europa, a uma sobrevida para a *era Sarney* dão o que pensar; o ex-governador e desafiado do ex-presidente da Arena garantiu ser "falta de patriotismo" lançar qualquer candidatura presidencial antes de uma "definição da Constituinte" sobre a questão do mandato. Não é nenhuma novidade que o atual governo desce por um plano inclinado nunca visto na história da República. Basta caminhar pelas feiras livres, tomar ônibus, entrar em restaurantes ou conversar com os homens do campo, de qualquer município brasileiro, para ter-se ideia precisa do que significa a expressão *plano inclinado*. O deputado carioca Hélio Duque não precisa fazer um ar de grande segredo, quando revela que o ministro-chefe do Serviço Nacional de Informações recebeu pesquisa que aponta um índice de rejeição do governo Sarney da ordem de 76%. Um assessor do Planalto, querendo desmentir a notícia, garantiu que a rejeição não é tanto assim, é um pouco menos (60% por

exemplo?). Duque não precisa fazer segredo porque esta rejeição é perceptível a olho nu, sem necessidade de elaboradas pesquisas de opinião. Agora que o "começo do fim" estava tão próximo, não se imaginaria que o arquiinimigo de Sarney no Colégio Eleitoral saísse das catacumbas, que as eleições lhe impuseram, para socorrer o presidente. Tanto não imaginávamos. De fato, o mundo dá voltas!

Todos aqueles que estão dispostos a prolongar a agonia a que está submetida a Nação brasileira, votando na Constituinte por um mandato de cinco anos para o presidente José Sarney, devem atentar para os comparsas que se aproximam, quando os processos políticos chegam ao fim. Os que estão dispostos a vender a alma pelas nomeações de hoje podem esperar a exposição ampla do estigma diabólico em futuro próximo. Quem não é capaz de ouvir a voz das ruas pode ter a certeza de que escutará o berro das urnas, ou das ruas, livre-nos Deus! Todo regime em agonia oferece as notas mais doces como canto de cisne, porque seus compromissos acabam quando chega o dilúvio. O prefeito de Nova Iguaçu, RJ, Paulo Leone, confirmou ter sido favorecido com uma verba de Cz\$ 800 milhões, a ser repassada dire-

tamente do Planalto à sua cidade pelo presidente Sarney. O intermediário, disse s. sa., foi um amigo íntimo do presidente, o senador Álvaro Pacheco. Não será necessário dizer que tanto o senador quanto o presidente desmentiram o prefeito. O que é impossível desmentir é o recibo do repasse das verbas e a lembrança de que foi o sr. Paulo Leone quem impetrou mandado de segurança no Tribunal Federal de Recursos para resguardar os seis anos de mandato do presidente da República!

Este fato, em si mesmo, não deve estarrecer. Não estamos em plena temporada de prestigiar os amigos? O que adiantaria pedir mero bom senso a um governo que está gastando Cz\$ 28 milhões em propaganda do "Projeto Padre Cícero" em dez estados do Nordeste, quando em verdade só foram iniciadas as obras de pequenas cisternas em alguns municípios? Adiantaria pedir *ratio* quando até a indústria da seca virou propaganda? Enganam-se os que pensam que ninguém os vê, ninguém sabe, ou que ninguém prestou atenção. Também de nada adianta a posição que alguns governadores estão adotando, de secretamente vender a alma, e nos microfones brandir à máxima dos quatro anos. A disposição da opinião pública pode ver-se em um espetácu-

lo de música patrocinado pelo governo do Estado de São Paulo: a cada menção do nome do sr. governador a assistência vaiava. Como era evidente que a platéia gostava do espetáculo, o locutor oficial, irritado, inquiriu o motivo das vaías. Não recebeu respostas audíveis, pois aumentou em muito o volume dos apupos.

Os integrantes do Centrão precisam conhecer outros exemplos para aferir os limites da paciência popular? Em qualquer esquina se escuta sempre o pedido por um "salvador". O clima de rejeição visível — que o sr. Ivan de Souza Mendes conheça o índice exato pouco importa — permite a perigosa disponibilidade para a aventura de quantos salvadores de plantão existam. Não ouvir a voz das ruas por eleições diretas já é deixar que um destes salvadores faça sua a esperança irracional das massas.

Os riscos são mais do que previsíveis. Um deputado paulista insiste em que chegou a hora de nos livrarmos do *entulho democrático*, que foi o resultado da eleição pós-Plano Cruzado. Eleições gerais de vereador a presidente são a única forma de impedir a chegada do salvador, de qualquer origem, de qualquer matiz. Antes do salvador virá o caos; na iminência dele teremos a solução de sempre.